

Coletâneas

do

Nossa

Tempo



Ministério da Educação e do Desporto
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Departamento de História

COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO

Coletânea-n. 02 Rondonópolis Mato Grosso-97
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Reitor

Fernanda Moqueira de Lima

Vice-Reitor

Elbair Botelho

Pró-Reitor Administrativo

Jaão Banea Pereira de Souza Cajueiro

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Margareth Darnael Corrêa Lima

Pró-Reitor de Planejamento

Eldemir Pereira de Oliveira

Pró-Reitor de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação

José Nokolanda Campelo Júnior

Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis

Kenji Kida

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Diretora

Allice Maria Teixeira de Sabóia

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Chefe de Departamento

Josamir Villela da Silva

EDITOR EXECUTIVO

Josamir Villela da Silva

COMISSÃO EDITORIAL DO DEPTO. DE HISTÓRIA

Josamir Villela da Silva

Luiz Eira Lopes Martins Teodoro

Luiz Maria de Araujo

Lucileide Costa Curadas

Joanilda José Ferreira

APRESENTAÇÃO

Estamos lançando o segundo número da revista do Departamento de História, do Campus Universitário de Rondonópolis, Coletâneas de Nosso Tempo. Enquanto um campus de interior, o número de textos, ensaios e "papers" produzidos tem sido significativo. E fica ainda mais interessante quando existe um veículo para divulgar esses trabalhos, que, guardados, muito pouco representam no conjunto científico das ciências sociais, pois ficam adstritos àqueles que os produzem.

Neste segundo número, e dentro da proposta da revista em abrir espaço aos trabalhos produzidos no âmbito dos Institutos de Ciências Sociais e Exatas, temos a colaboração de 11 colegas. Dentre esses colaboradores, três textos produzidos por historiadores, um por sociólogo, outro por uma pedagoga e seis por geógrafos. Dentre os geógrafos, a colaboração de uma colega da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desta forma, e dentro da proposta dessa revista, o canal de discussão democrático da comunidade acadêmica continua aberto àqueles que quiserem divulgar seus trabalhos científicos, obedecendo as características das normas editoriais.

A ausência, ainda, de uma linha editorial, não compromete e muito menos diminui sua importância, ao contrário, preenche os espaços que trilharam caminhos e verdades que projetam um horizonte e um novo levante. Descontine seu horizonte. Incorpore e compartilhe, também, seus conhecimentos. Aguardamos sua colaboração para o próximo número.

Prof. Dr. Jovam Vilela da Silva.

SUMÁRIO

Parte I - Textos de História

- 01 - Impasses e Vícios da República 7
Luiz Lôu Lopes Martins Tesoro
- 02 - Breve reflexão sobre Religião e Marxismo 21
Luiz Maria Araújo Alves
- 03 - Uma experiência de "ensinar" história 39
Paulo Augusto Mário Isoco
- 04 - Brasil Colônia: base econômica da riqueza portuguesa nos séculos XVIII e XIX 51
Jovann Villela da Silva

Parte II - Textos de Educação

- 05 - A relação Ação Educativa - Ação Social: o problema da nossa atuação enquanto educadores no Brasil de hoje 121
Carmen Alice Chavreill da Silva

Parte III - Textos de Geografia

- 06 - A produção do Espaço Urbano nas cidades Latino- Americanas 152
Jorge Luiz Gomes Monteiro
- 07 - A Dinâmica do capital no complexo da soja 159
Júlia Adão Bernardes
- 08 - Sistematização do Espaço Urbano e Rural na Bacia do rio Arareau 178
Mouro Kumpfer Werlang
- 09 - O processo histórico da ocupação de uma parte do Parque São Jorge 189
Aires José Pereira
- 10 - O avanço da fronteira agrícola e a redivisão territorial do sudeste mato-grossense 221
Miriam Terezinha Mendes Derrmann
- 11 - Implicações na Espacialidade Rondonopolitana 237
Antônia Marília Medeiros Nardes

Ficha catalográfica elaborada pela equipe da Biblioteca Central/UFMT

Coletâneas do Nosso Tempo/Departamento de História-Rondonópolis
(do) Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal
de Mato Grosso. EDUFMT, vol. 2, n. 2 (1997) - V.: Il.: 16,6 cm.

Anual
1. Universidade Federal de Mato Grosso
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Campus de Rondonópolis

Capa
Ensi Lisa Lopes Martins Teodoro
Joanna (Vilma da Silva)

Revisão
Sueli Torres Alfenas
Editoração Eletrônica
Luciana Lourenço de Sousa

Apoio
Editora da Universidade Federal de Mato Grosso (EDUFMT)

Coordenador:
Terezinda Tadeu de Miranda Borges
Impressão: Gráfica Universitária/ UFMT
Quarenta José Augusto R. Palma

Endereço para correspondência
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS,
Rodovia Rondonópolis x Guiratinga km. 06.
CEP: 78.735-901 - Rondonópolis/MT - Cx. Postal - 186.
☎ (065) 422-2666 - Ramal 26 - Fax - (065) 422 -1240.

Editora da Universidade Federal de Mato Grosso.
Avenida Fernando Corrêa da Costa, s/n - Coxipó.
CEP.: 78.060-900 - Cuiabá/MT - ☎ (065) 615-8322.
Telex: 65-1371/UFMT/ Brasil BR/Fax: (065) 361-1119.

Permuta
Exchange
Cambio
Exchange

A DINÂMICA DO CAPITAL NO COMPLEXO DA SOJA

Júlia Adão Bernardes¹⁸⁵

INTRODUÇÃO

Dada a importância do estudo do complexo da agroindústria da soja para o Brasil, nos propomos a estudar as relações e articulações existentes em áreas de intenso desenvolvimento tecnológico, a exemplo da fronteira mato-grossense, assim como as adequações que essa incorporação técnica exige na organização do espaço.

É fato conhecido que a agroindústria da soja, que vem se expandindo na região desde 1985, se caracteriza por ser grande absorvedora de tecnologia, suscitando um maior conhecimento das articulações que possibilitam que a mesma alcance essas áreas de cerrado e dos efeitos espaciais que apresenta.

É importante considerar que essas implantações técnicas introduzem relações novas com o espaço, com implicações de ordem social e territorial ainda pouco estudadas. O que nos propomos aqui é iniciar a reflexão sobre o tema, analisando o novo padrão de acumulação no atual período técnico-científico e as novas tendências que surgem na atual fase do capitalismo.

¹⁸⁵ - Professora Doutora do Departamento de Geografia, UFRJ.

I. PADRÕES TECNOLÓGICOS E REORGANIZAÇÃO ESPACIAL NO FINAL DO MILÊNIO

Cada período histórico possui um espaço dotado de um meio técnico que corresponde às relações sociedade-natureza vinculadas ao processo produtivo. Assim, a inovação e a mudança técnica explicam em grande parte a produção do espaço, o que nos remete às relações sociais responsáveis pela produção e reprodução desse espaço.

No caso do sistema capitalista, cada fase do seu desenvolvimento apresenta uma geografia específica do desenho técnico-científico naquele momento. É no âmbito do desenvolvimento capitalista que se dá o processo de unificação das técnicas e que se pode falar de meio técnico-científico, fazendo-se uso intensivo de tecnologias no processo produtivo, resultando na difusão do trabalho intelectual e na circulação do capital em escala planetária (SANTOS, 1992). A partir dos anos 70, a principal característica dessa fase capitalista passa a ser o processamento da informação na base dos processos de produção, distribuição, consumo e gestão.

Como assinala SANTOS (1994), o meio técnico-científico-informacional é a nova cara do espaço e do tempo, possibilitando a instalação de atividades modernas, aquelas que têm relações mais longínquas e partícipam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais.

A medida que os meios técnicos permitem o aniquilamento do espaço pelo tempo, as inovações tecnológicas do mesmo tempo homogeneízam o espaço e o fragmentariam, dependendo da ênfase na qualidade partícular dos lugares e de seu interesse para o capital (SMITH, 1988), permitindo ao mesmo penetrar de forma simultânea e seletiva. Graças a essas novas possibilidades de

difusão instantânea, que aceleram o processo de globalização e de reestruturação produtiva, as inovações podem alcançar lugares nem sempre dotados de modernizações anteriores.

Com frequência ocorre forte especialização do território, com instalação de objetos geográficos com forte conteúdo de informação, dando origem à elaboração de novas formas de organização espacial da produção, com novos conteúdos, tendo a informação e o conhecimento como fontes básicas da produtividade.

Com base no princípio da divisão, fundamento do desenvolvimento capitalista, assiste-se à implantação de uma nova divisão espacial do trabalho. O movimento de desregulamentação dos mercados financeiros, a rápida difusão das tecnologias baseadas na microeletrônica, na informática e telecomunicações aceleram o processo de globalização e de reestruturação produtiva, resultando na implantação de uma nova divisão espacial do trabalho, em diferentes escalas, seja entre regiões desenvolvidas e periféricas, o que se expressa numa especialização geográfica hierárquica entre as diferentes regiões do planeta, seja no interior dessas regiões.

II. AS GRANDES MUDANÇAS EM CURSO NO CERRADO MATO-GROSSENSE

No início dos anos 70, com o objetivo de abastecer os centros urbanos e de incentivar a exportação de produtos não tradicionais, o governo brasileiro colocou em ação programas que se constituíram no sustentáculo do desenvolvimento que se iniciava no Brasil Central, desencadeando uma política que visava o aumento da produção e da produtividade em atividades agropecuárias e que se vinculava ao Programa de Corredores de Exportação.

A criação de infra-estrutura para o desenvolvimento da agropecuária regional se deu com a criação de instrumentos como o PRODOESTE e o POLO CENTRO (1975), que previam a ocupação racional dos cerrados e seu aproveitamento em escala empresarial, com apoio no crédito favorecido.

A terra barata nos anos 70 facilitou os investimentos, os incentivos concedidos pela SUDAM, as linhas especiais de crédito criadas pelo governo para estimular a ocupação dos grandes espaços vazios nas áreas de fronteira agrícola, atraíram os investidores, favorecidos por determinadas condições naturais, onde se destaca a intensa luminosidade e a topografia. Nos anos 80 o esteio da economia em Mato Grosso era a soja.

Empresários experientes do sul do país se deslocaram para a região dispondo de instrumentos técnicos que aumentavam o seu poder, mobilizando importantes recursos de capital, seja em termos de instalações, maquinaria e equipamento, seja em infra-estrutura, empenhados na construção de uma nova ordem econômica e social. Tratava-se de aproveitar as vantagens de localização em escalas mais amplas, que permitiam mudanças na magnitude da produção e nos níveis de produtividade, possibilitando a manipulação estratégica das diferenças territoriais. O resultado foi o aumento considerável dos volumes de produção e de negócios, embora a custo da diminuição da quantidade de trabalhadores. Atualmente a produtividade é o conceito-chave nesta realidade.

O "boom" da expansão da soja em Mato Grosso, assim como as transformações decorrentes da mesma, concentraram-se em curto espaço de tempo. Em apenas dez anos (85/95) a produção mato-grossense foi incrementada em 264%, alcançando em 1995 a posição de segundo maior estado produtor de soja do país, com um total de 5,5 milhões de toneladas.

No mesmo período a soja ocupa em Mato Grosso aproximadamente 2,2 milhões de hectares, detendo esse Estado a segunda maior área de produção do país, contribuindo com 20% no conjunto nacional, estando a maior parte da produção concentrada em um pequeno número de grandes propriedades.

Apesar do significativo aumento da área cultivada, a magnitude da difusão espacial no tempo não revela correspondência com os índices registrados para a produção. Assim, entre 1985 e 1995, a produção registrou um crescimento de 264% contra 177% da área. O fato do crescimento da produção superar o da área revela forte tendência à aplicação de elevados níveis tecnológicos no sistema produtivo.

Efetivamente, esses espaços concentradores da produção têm sido palco de concentração de recursos e de implantações tecnológicas e condicionadores de articulações econômicas e técnicas que se difundem espacialmente, resultando em elevados níveis de rendimento. Apesar das dificuldades que o quadro natural do cerrado apresenta, em 1995 Mato Grosso apresentou o maior rendimento médio do país, em torno de 2.630 kg/ha.

A observação direta dessa realidade ao longo das investigações revela que se encaixa mal nos esquemas tradicionais, desconcertando aqueles que vêem os complexos agroindustriais como uma realidade homogênea. A realidade observada em Mato Grosso apresenta uma série de evoluções, devendo-se reconhecer a existência de vários tipos de atividades produtivas interagindo e captando os mecanismos da produção e do intercâmbio, assim como os processos que os animam.

Nessa nova realidade se erguem ativas hierarquias sociais em meio a incrementadas disputas, cujas articulações modificam a ordem anteriormente estabelecida, criando novas dinâmicas de mercado e dirigindo seus

negócios por caminhos muito particulares (BERNARDES, 1996).

Mudanças em curso no processo produtivo

O sistema capitalista vive uma fase de reestruturação de seus mecanismos de acumulação, estando as novas formas de produção cada vez mais apoiadas na revolução tecnológica em curso. Assim, o modo de produção atual apresenta determinados arranjos tecnológicos, através dos quais o trabalho transforma a matéria para gerar um produto, de forma a obter excedente a partir de maior produtividade. A obtenção de maior produtividade hoje consiste na qualidade do conhecimento, ou seja, o desenvolvimento informacional mobiliza novos conhecimentos que constituem o pressuposto do aumento da produtividade (BERNARDES, 1996).

No bojo das grandes transformações gestadas na economia mundial, a modernização e reestruturação do espaço traduzem os impactos da revolução científico-tecnológica informacional. Portanto, o espaço se organiza através de uma produção calcada no conhecimento e na informação, que constituem a base da maior produtividade da nova acumulação.

Nesse contexto de transformação que aponta para a importância da ciência e da técnica no processo de organização do território e para a inevitabilidade do monopólio/oligopólio, surgem novas territorializações em função das potencialidades específicas de determinados lugares, redefinindo os espaços tradicionalmente utilizados nos processos produtivos. O complexo agroindustrial da soja em Rondonópolis, Mato Grosso, constitui reflexo dessas novas potencialidades, despontando como um novo palco de realização do processo produtivo.

Nesse complexo, que envolve múltiplas atividades, o valor agregado ao produto permite alcançar um diferencial mercadológico em relação a outras regiões, fazendo com que a área cresça, não apenas apoiada em um único produto. Se essa região econômica não possui um quadro natural suficientemente adequado à soja, que constitui a fonte geradora de novas atividades, o que importa é que a mesma possui os ingredientes essenciais para participar com sucesso dos atuais fluxos de atividade econômica.

As práticas que contribuem para garantir os diversos projetos nessa fronteira capitalizada, geram um padrão espacial que revela que essas áreas funcionam como incubadoras de atividades com forte sinergia local, implicando numa reorganização do espaço segundo as novas exigências, passando a apresentar maior conexão com unidades de pesquisa, com mão-de-obra qualificada, aproveitando as possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem. Essa organização deriva da eficiência da iniciativa privada, com capacidade de alto nível de manipulação racional do meio ambiente.

O desenvolvimento técnico-científico foi o instrumental que possibilitou uma manipulação mais eficiente dos recursos naturais no cerrado mato-grossense. Os avanços alcançados em rendimento médio resultam da organização do espaço agrário em termos de variedades geneticamente adequadas às condições do cerrado, da dependência de insumos fornecidos pelas multinacionais, especialmente no que se refere a fertilizantes e agrotóxicos, além do uso de máquinas e implementos modernos.

Assim, a inovação mecânica, a físico-química e a biológica, utilizadas de forma coordenada, superam as barreiras naturais e aumentam a velocidade de circulação do capital, redimensionando a produtividade do trabalho e elevando o rendimento médio. Como assinala

GRAZIANO DA SILVA (1981), essa é uma estratégia para aumentar a produção sem expandir a propriedade.

Enquanto o uso de sementes melhoradas e de insumos constitui a base do processo que leva o capital a superar as barreiras naturais, as inovações mecânicas contribuem para a ampliação da escala de produção. Sem um forte aporte tecnológico em termos de máquinas e equipamentos adequados, os avanços na produção de soja e no níveis de rendimento teriam sido mais modestos. Nesse sentido, devemos chamar a atenção para a importância das dimensões na escala de produção, uma das vantagens comparativas que a região oferece, respondendo a essa escala significativo nível de concentração da terra capitalizada e, conseqüentemente, do capital.

Portanto, a necessidade de acumulação, que leva a uma franca expansão geográfica do capital na produção de soja no cerrado, exige contínuos investimentos para criar o ambiente adequado para a produção. Assim sendo, as condições naturais acabam sendo relativizadas, não constituindo maior obstáculo ao desenvolvimento da soja no cerrado. A concentração e a centralização do capital nesse ambiente construído levam a um nívelamento das condições naturais, e estas perdem cada vez mais importância no contexto geral.

Se por um lado a tecnologia acaba constituindo um fator de distanciamento e um mecanismo de exclusão de alguns produtores, por outro, implica na inclusão dos agentes mais capitalizados nos circuitos superiores de acumulação, abrindo-se a possibilidade de uma divisão a partir de dentro.

Numa região de fronteira, distante dos grandes centros consumidores, para colocar o produto no mercado de forma a competir é necessário diversificar e integrar atividades. A soja destaca-se no cerrado entre os produtos

agrícolas suscetíveis de adição de valor agregado através da transformação Industrial, constituindo o desdobramento de atividades uma das formas de redução dos custos.

Na indústria de esmagamento a soja é processada e transformada nos seus produtos mais nobres, que são o óleo e o farelo, sendo este utilizado principalmente na elaboração de rações para alimentação animal, especialmente de aves, suínos e bovinos. As empresas que operam na agroindústria da soja tendem a se diversificar, operam o valor agregado no mercado de alimentos é maior que o valor agregado no conjunto, maior rentabilidade ao capital or, conferindo, no conjunto, maior rentabilidade ao capital aplicado. Nesse sentido, as indústrias de esmagamento buscam multiplicar as possibilidades de uso dos resíduos e do farelo, constituindo a criação de aves uma dessas atividades.

Deve-se ressaltar o novo caráter imposto pelo desenvolvimento do complexo agroindustrial da soja à atividade pecuária. Além da implantação da atividade em novos moldes, vêm ocorrendo profundas transformações na pecuária tradicional como consequência da intensificação de suas relações com os novos segmentos da agroindústria, comerciais e financeiros, passando por um processo de reestruturação. A suinocultura constitui um outro projeto de integração de atividades onde tudo é planejado e controlado, não só incorporando como criando tecnologia, constituindo uma linha de montagem biológica. O pressuposto do modelo de produção dominante é um desenvolvimento que se sustente no processo de produção/comercialização, em condições competitivas, impulsionado por um permanente movimento de inovação (BERNARDES, 1996).

Convém ressaltar que o domínio da natureza pelo capital constitui um dos fatores que impõem certos limites ao processo de acumulação no setor agrícola, acelerando-se em função do pagamento das dívidas, revelando transferência de recursos entre setores, concentrando-se o

capital preferencialmente no setor financeiro, o que constitui uma contradição face à necessidade de acumulação no setor produtivo. No entanto, deve-se levar em conta que os empresários utilizam múltiplas estratégias para recompor o capital, já que outras formas de acumulação emergem, interagindo com as que mostram maior lentidão no processo acumulativo. Assim, não se pode falar de custos isolados, sendo importante considerar o processo de integração das atividades, já que os custos devem harmonizar-se e amortizar-se nas diferentes modalidades produtivas.

Entim, nesse contexto de ampla reestruturação de atividades e de criação de novas, associada à aplicação de novas práticas tecnológicas, se instituem novos circuitos de mercadorias, de capital, de pessoas e novas formas de gestão do território, acarretando significativas mudanças no arranjo espacial.

Através do complexo, a soja provoca intensas transformações no espaço, por meio da diversificação de atividades e expansão do sistema técnico; à medida que este se desenvolve, a gestão de sua utilização se faz de maneira mais concertada, implicando em reestruturação das relações sociais (BERNARDES, 1996).

Incidência dos recursos técnicos sobre os recursos humanos

Marx já afirmava que o capitalismo era uma força revolucionária e permanente que só podia existir com a condição de revolucionar constantemente os meios de produção e, portanto, as relações de produção e demais relações sociais. E foi nessa base que o capitalismo conseguiu se reinventar até chegar ao nível atual, em que o resultado no que se refere às relações de produção é o

modificação dos vínculos capital/trabalho já consolidados (BERNARDES, 1996).

As mudanças em curso, vinculadas às características dos novos equipamentos, abrangem novos conceitos de eficiência, um novo modelo de gerência e organização das empresas, menores requerimentos de mão-de-obra por produto e um distinto perfil de qualificação, esperando-se que o trabalhador seja polivalente. Sem dúvida, esse processo tem efeitos negativos em matéria de emprego absoluto.

Com a flexibilização dos mercados de trabalho, abrindo espaço para novas formas de contratação da mão-de-obra, o contrato já não representa, como afirmava MARX, o tempo de trabalho socialmente necessário para produzir uma mercadoria, mas uma certa quantidade de informação.

Nas unidades produtivas que integram o complexo da soja, foi possível detectar práticas de flexibilidade próprias da gestão ou na organização do trabalho, no intuito de dar respostas aos atuais problemas do crescimento econômico, levando à ruptura com os padrões espaciais anteriores no que se refere às relações capital/trabalho (BERNARDES, 1996).

É particularmente interessante fazer notar alguns aspectos relacionados à força de trabalho ocupada no complexo sojífero de Rondonópolis. Em geral a mão-de-obra permanente, mais especializada, é proveniente da região Centro-sul do país, seja em virtude da escassez de qualificação na região, ou porque é um elemento humano mais sintonizado com certa técnica. A mão-de-obra no mais sintonizado com certa técnica. A mão-de-obra braçal, em geral temporária, requisitada em menores volumes no sistema de terceirização, é em parte recrutada no local, mas sobretudo na região Nordeste, para onde é devolvida após o término das operações.

A propensão em buscar os trabalhadores braçais na região Nordeste e levá-los de volta, significa uma redução de custos, à medida que esses trabalhadores só são ocupados em certas tarefas temporárias, evitando, assim, problemas sociais provocados pelo desemprego na maior parte do tempo.

As vias de escoamento da produção

No que diz respeito à logística, as formas e condições de acesso aos mercados interno e externo constituem dificuldades para a colocação da soja de Mato Grosso a nível competitivo, uma vez que a produção se afasta dos tradicionais portos e centros consumidores.

Se a capacidade empresarial no complexo da soja está amplamente demonstrada, se os problemas de ordem tecnológica foram superados, o peso do custo do transporte na composição global de custos da soja e seus derivados afeta o sucesso da expansão, já que as condições de mobilidade entre centros de produção e consumo constituem um fator desfavorável à competitividade (BERNARDES, 1996).

A matriz de transporte de cargas para Mato Grosso indica que 56% do transporte se faz via rodoviária, encontrando-se 80% da malha em péssimas condições, colocando a região do cerrado em desvantagem comparativa em relação a outras regiões. Nesse contexto, o sistema ferroviário aponta com novas alternativas, a exemplo da Ferrovia Norte, ligando Cuiabá (MT) a Santos (SP), da Cuiabá-Santarém e da expansão da ferrovia Carajás (PA).

Tratando-se do modal hidroviário, um dos menos utilizados apesar de apresentar as maiores vantagens econômicas, a hidrovia Paraguai-Paraná, de fundamental importância para o MERCOSUL, constitui importante estraté-

gia de escoamento da produção. Por outro lado, o Projeto Hermasa, vinculado ao Grupo Maggi, um dos maiores produtores e comercializadores de soja de Mato Grosso, se destaca como uma das mais recentes articulações hidroviárias. Recentemente implantado, já se encontra em fase inicial de funcionamento, constituindo um novo corredor de exportação através da hidrovia Madeira-Amazônia para escoamento da produção Centro-oeste e do Estado de Mato Grosso.

Com a ampliação da introdução de mudanças nos transportes e comunicações, novas áreas são incorporadas ao processo produtivo, ampliam-se os fluxos e a velocidade do deslocamento, assim como a transmissão da informação, possibilitando a participação em âmbitos de comercialização mais amplos, instituindo no território as condições que mais favoreçam o processo de acumulação.

Mudanças em curso na rede de telecomunicações e informática

Se as redes físicas continuarão a existir, já que é sobre elas que circulam as pessoas, os alimentos e os bens em geral, as mesmas estão cada vez mais capacitadas para acoplar as redes virtuais (NEGROPONTE, 1995), provocando uma revolução em termos de logística de distribuição de bens, energia, etc., em escala mundial a velocidades incriveis, estando essas relações vinculadas aos processos de globalização e fragmentação.

Sem dúvida, os sistemas aperfeiçoados de comunicação e o fluxo de informações possibilitam a redução do tempo e redefinem a espacialidade dos circuitos de produção. Neste sentido pode se detectar todo um movimento no complexo da soja em Rondonópolis, de incor-

paração desses sistemas, permitindo que a região possa acompanhar a velocidade das transformações e incorporar os elementos que facilitam sua competitividade no mercado Internacional, o que em parte se expressa na materialização das redes virtuais acopladas às redes físicas em elementos tais como portos, aeroportos, satélites de transmissão, equipamentos de comunicação, etc.

Essa reestruturação técnico-científica da organização do espaço capitalista, associada ao desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, gera um espaço de novos fluxos e fluxos, instituindo novos circuitos de mercadorias, capital e pessoas, de gestão e de controle. Além dos aspectos vinculados diretamente à produção, a região procura desenvolver as condições de integração em uma dinâmica de mercado.

A implantação das novas redes de comunicação busca garantir as articulações do complexo com a grande corporação setorial, introduzindo maior velocidade nas transações comerciais e financeiras, aumentando a rapidez e o volume dos fluxos, tentando reduzir o tempo e custo da circulação, de modo que o capital possa retornar rapidamente à esfera de produção, fazendo com que a acumulação se realize em menor tempo.

Mudanças em curso no papel do Estado, nas relações sociais e na organização espacial

Quando se trata de organização e gestão do território, dos processos de planejamento da produção e do consumo, o agente mais habilitado para tais decisões ainda é o Estado, embora reconhecendo que os processos que moldam a economia mundial mudam mais rápido que a capacidade do Estado de processar tais mudanças.

Cabe ressaltar que o processo de globalização e fragmentação não significa destruição da força do Estado, contudo, deve-se reconhecer que, no bojo dessas transformações, o Estado vem sofrendo pressões para reduzir seu tamanho e escopo de atuação (FIORl, 1993).

A situação geral das vias de escoamento em Mato Grosso, as recentes parcerias realizadas entre a iniciativa privada e o Estado, seja na Instância federal ou estadual, constituem um exemplo de como o Estado vem diminuindo sua participação no que se refere à infra-estrutura viária. Tal situação também pode ser observada em relação à concessão de crédito e no domínio das relações capital/trabalho.

Em sua dinâmica expansionista o sistema capitalista globaliza, mas só se realiza e sobrevive na fragmentação. A competição nos mercados implica um intenso processo de inclusão/exclusão que afeta todas as esferas da vida. O saber produzir em determinadas condições físicas, a utilização intensiva de tecnologia, ao mesmo tempo funcionam como um mecanismo de inclusão e exclusão, do ponto de vista da competição, como parte das estratégias do capital no desenvolvimento do território. Em sua essência, as relações de poder enquanto mecanismo fundamental de controle social e os objetivos de acumulação permanecem inalteráveis, apenas se adaptam a novas condições territoriais em novas bases técnicas para continuar sua reprodução ampliada.

Assim, o avanço da ciência e da tecnologia leva a modificações nas bases produtivas, alterando as bases materiais da sociedade, estando este avanço voltado para o aumento na capacidade reprodutiva do capital, para a garantia de maior acumulação e não para solucionar os problemas da humanidade. Nesse processo de desenvolvimento irregular e diferenciado se aceleram e aprofundam os processos de dominação, de exploração e de destruição, cuja matriz se encontra na estrutura soci-

al, desenvolvendo-se o homem de forma diferenciada. Nesse sentido, HARVEY (1993) identifica na transição para o pós-moderno um campo minado de contradições e conflitos.

Nesse novo horizonte histórico a organização do espaço muda de qualidade, passando de um desenvolvimento baseado na quantidade (trabalho, recursos naturais) para um desenvolvimento baseado na qualidade (conhecimento, informação). Mas esse novo conteúdo produz somente em contextos econômicos, sociais e políticos precisos. Conforme assinala CASTELLS (1986), a aplicação e desenvolvimento da revolução tecnológica em curso dependem das características dos lugares, do seu processo histórico, do contexto institucional, da diversidade dos usos, dos objetivos propostos.

Num processo de competição cada vez mais exacerbado o resultado tem sido a agudização da instabilidade dos lugares, que são excluídos dos investimentos, já que as corporações impõem estratégias de difusão espacial. Entretanto, vale a pena ressaltar, a presença dos lugares no circuito do capital não se restringe às condições do meio técnico, mas depende também do jogo político, uma vez que as tecnologias expressam relações sociais. Quando avaliamos os impactos da reestruturação econômica mundial no Brasil, em termos empíricos, percebemos que, em se tratando da agroindústria sojifeira, os recursos e possibilidades que a mesma dispõe nas áreas de cerrado, particularmente em Mato Grosso, a situam numa posição privilegiada no processo de reestruturação produtiva do país, onde a capacidade tecnológica desempenha papel decisivo, com conseqüências na reorganização social e do espaço.

Considerações Finais

Os estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre as mudanças tecnológicas em curso apontam para mudanças significativas no padrão de localização anterior, nas demandas e usos do território, nas vantagens comparativas regionais e na divisão espacial do trabalho.

A região do complexo agroindustrial da soja de Rondópolis parece vivenciar algumas dessas mudanças, já que essa região contém em si elementos de diferentes que geográficas, com capacidade de irradiar novas escalas e formas de produção em função de novas atividades, agilizando os circuitos produtivos, sociais, políticos e territoriais.

Esse espaço, face à instituição de objetos e processos de produção e à emergência de funções, se situa em tal posição que o consolida na divisão setorial do trabalho como uma das áreas mais dinâmicas. Essa posição é extremamente indicativa das condições conjunturais da soja no mercado nacional e internacional.

Assim, é possível fazer algumas observações relativas às tendências regionais do circuito de produção que estamos analisando (BERNARDES, 1996):

a) no conjunto do Estado, os espaços da soja apresentam-se como um locus privilegiado de processos de homogeneização a partir do capital produtivo, expressando que certos espaços encontram-se submetidos a fluxos seletivos de modernização que transformam antigos espaços em espaços de administração de novas tendências;

b) a produção, apesar do seu caráter expansivo, necessita verticalizar-se de forma concentrada em determinados espaços, apresentando fixos importantes e arti-

culações neles instaladas, e seu novo caráter reside na capacidade de articular novos circuitos da produção;

c) o nível tecnológico aplicado se vincula à redefinição de formas de atuação por parte de determinados grupos econômicos, e a opção por esse nível se relaciona à própria percepção, por parte dos mesmos, da inviabilidade de outras formas que não essas para ter êxito neste território;

d) esse sistema integrado de atividades geradas a partir da soja, dotado de elevado nível tecnológico, altamente planejado e informado, é fundamental para ser competitivo.

Referências Bibliográficas

- BERNARDES, J. A. (1996). "As estratégias do capital no complexo da soja". In: CASTRO, I. E. de, GOMES, P.C.da C. e CORREA, R. L.(Coord.), *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- BERTRAND, J.P., et al. (1987). *O mundo da soja*. São Paulo, Hucitec, EDUSP.
- CASTELLS, M. (1986). *El desafio tecnológico*. Madrid, Alianza Editorial.
- FIORI, J. L. (1993). "Globalização, Estados Nacionais e políticas públicas". *Ciência Hoje*, vol. 16 (96), dez.
- GRAZIANO DA SILVA, J. (1981). *Modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar Editora.

HARVEY, D. (1993). *Condição pós-moderna*. São Paulo, Editora Loyola.

KAGEYAMA, A. e outros. (1987). "O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural dos complexos agrícolas rurais", UNICAMP.

LIPIETZ, A. (1991). *Audácia. Uma alternativa para o século 21*. São Paulo, Nobel.

MULLER, G. (1989). *Complexo agroindustrial e modernização agrícola*. SP, Hucitec/EDUC.

NEGRONTE, N. (1995). *A vida digital*. São Paulo, Companhia das Letras.

SÁNCHEZ, J.E. (1995). "Harmonious development or exclusion from productive circuits?". Conferência apresentada da no *Simpósio Internacional Desenvolvimento Sustentável e a Geografia Política*, promovido por IGU/UNIVLAGET, RJ, Out. 95.

SANTOS, M. (1992). *Espaço e método*. São Paulo, Nobel.

SANTOS, M. (1994). *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo, Hucitec.

SMITH, N. (1988). *Desenvolvimento desigual*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.